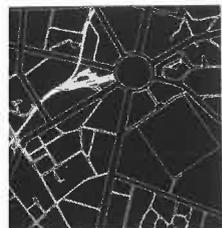


**unidade** “ Com um projecto editorial autónomo, a revista propõe-se elaborar sobre os conteúdos pedagógicos e culturais da Escola, revelando as suas crises e propagando as inevitáveis *diferenças* que ocorrem. Sem umnexo ruptural, a revista procura reidentificar o objecto de ensino e invocar testemunhos de outras identidades.





[sumário]

*Queríamos fazer uma releitura do passado do curso,*

LEITURA INFORMAL OU HISTÓRIA NÃO CIENTÍFICA . esbap|fbaup

7

*espreitar o seu presente,*

TRABALHOS ESCOLARES

13



42

MESA REDONDA



50:51

mapa geral do guia

*mostrar os que dela saiem,*

“PROJECTOS DE FUNDAÇÃO” Nuno Grande

52

NOVA ALDEIA DA LUZ

56

João Francisco & associados

62

CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANGRA DO HEROÍSMO

Jorge Figueira & Paulo Ferreira

*saber o que fez um artista popular com modelos na escola do Porto,*

DIAMANTINO FARINHAS

por Domingos Lavares

69

*e conhecer um aluno brilhante no tempo do Carlos Ramos.*

entrevista a LUÍS CUNHA

73

lembrando LÚCIO COSTA

78

por Alexandre Alves Costa

Este guia identifica algumas obras contemporâneas  
que nos acompanham diariamente na cidade onde  
aprendemos arquitectura.  
(com a colaboração de Manuel Mendes)



[editorial]

- 1- temos consciência de que se produz matéria e queremos vê-la.
- 2- aqui espreitamos o curso e os seus produtos, em vários momentos.

Estamos espectantes (o nosso umbigo tem cotão).

Ao participar no curso estamos a transformar.

Se sentimos incómodo e queremos o desenvolvimento do curso,  
temos que nos transformár, reconhecendo-os

(o incómodo e o curso).

ele está cheio de nós

Para os desamarrar temos de nos desamarrar, compreender a faculdade e o seu entorno.

Com consciência podemos e devemos agir sobre a matéria que produzimos.  
Negando-a estamo-nos a negar e a dar um nó que ninguém quererá desamarrar.

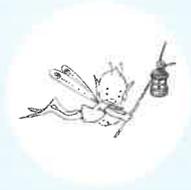
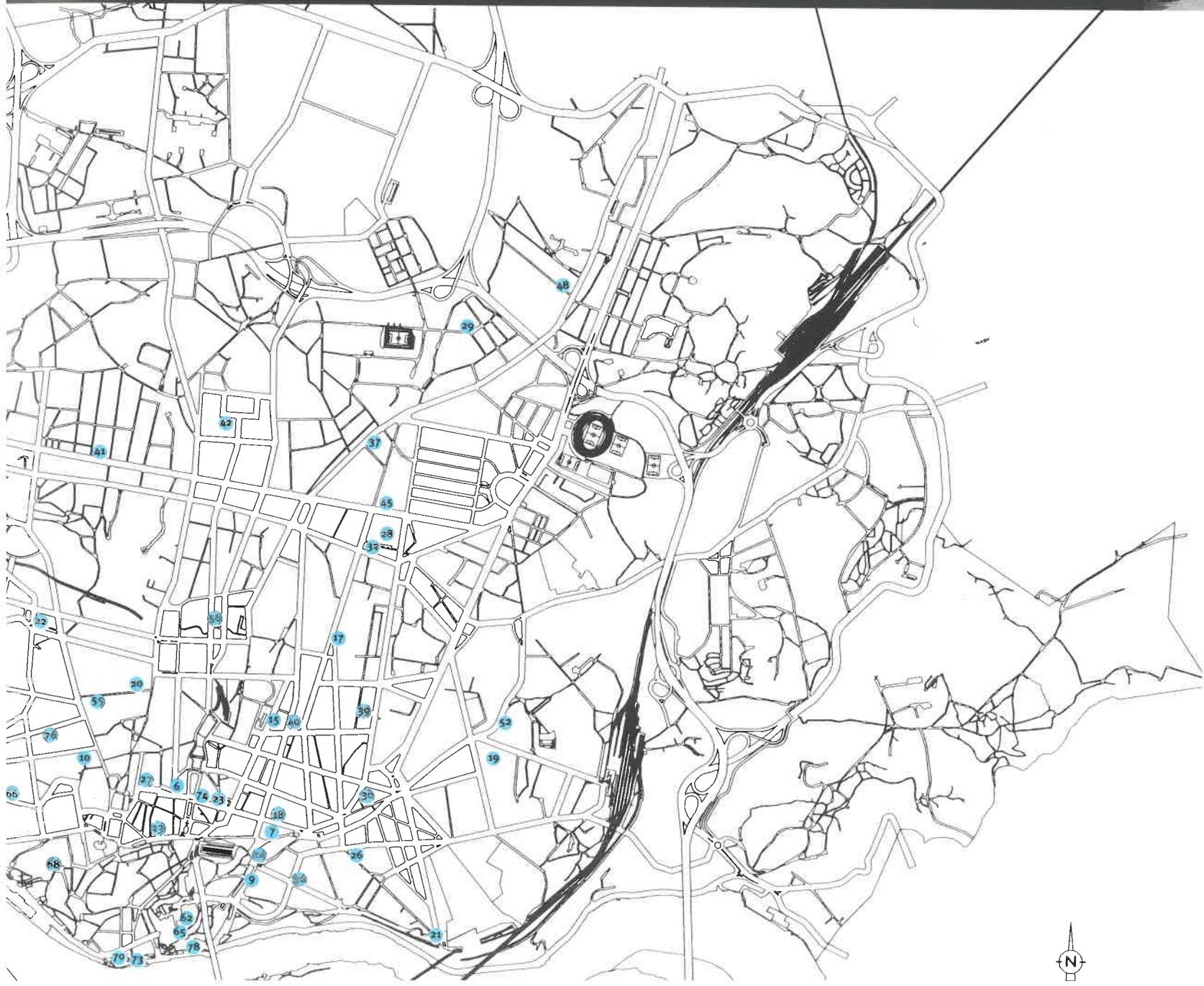
*Temos de tirar o cotão do nosso umbigo.*





o património é como o café agrinho 2x





## Projectos de fundação Nuno Grande



fotografia de miguel vale do figueiredo "Volta ao Mundo"



A década de 90 tem-nos reservado algumas surpresas, no que diz respeito ao envolvimento de uma nova geração de arquitectos em concursos públicos de urbanismo e arquitectura. De facto, constata-se que algumas dessas jovens equipas concorrentes, muitas vezes formadas no âmbito circunstancial dos concursos, entregam-se com entusiasmo a programas de uma enorme complexidade, conseguindo, nas suas propostas, uma clareza de solução que os leva a arrebatam vitórias, ultrapassando equipas mais experientes e lideradas por arquitectos consagrados. O “aprendiz que se volta contra o seu mestre feiticeiro”, dirão uns, ou apenas o virtuosismo de quem aprendeu a manusear o enorme poder de elaboração e comunicação dos novos meios informáticos, dirão outros. De qualquer forma, o que parece hoje vingar, neste contexto, é a capacidade de síntese e já não o excesso de elaboração analítica que preencheu outras gerações de concursos.

No jogo de complexidades e paradoxos conceptuais em que se move hoje a nossa disciplina, saber pensar e comunicar um projecto como quem conta uma grande história em poucas palavras tornou-se uma prova de inteligência. A dúvida está em saber se esse mesmo projecto resiste aos trâmites burocráticos pós-concurso, à densificação dos programas e às alterações tipológicas ou construtivas requeridas pela encomenda, conseguindo manter o mesmo poder de síntese que presidiu à sua concepção.

Sabemos como este processo tem afectado o desenvolvimento da maioria das nossas Obras Públicas - bairros sociais, equipamentos colectivos, espaços públicos, infraestruturas,... -, onde os projectos são regidos, mais pela lógica burocrática ou tecnocrática (por natureza, fragmentada, dispersa e por vezes corrupta), do que pela capacidade de síntese, ou, tantas vezes, de adequação do projecto ao lugar. As vitórias, em concursos, de jovens equipas de arquitectos - não comprometidos com os jogos de poder, e fora dos circuitos de moda - fazem-nos acreditar que as lógicas “normalizadas” também se podem inverter.

Vem isto a propósito de dois projectos, precisamente ganhos em concurso público, e sobre o qual me pedem para escrever. São eles, o Plano para a Nova Aldeia da Luz da equipa João Figueira & associados, e o Plano e Projecto do Campus Universitário de Angra do Heroísmo da equipa EX, coordenada por Jorge Figueira e Paulo Ferreira. Aproxima-os o facto de se tratarem de projectos de considerável dimensão que, partindo da situação de plano urbanístico, trabalham áreas de franja destinadas a ser praticamente fundadas pelos novos programas propostos. Distingue-os, para além do tipo de encomenda, o método de abordagem, e sobretudo o de desenvolvimento nas fases pós-concurso. Serão, sem dúvida, dois projectos interessantes de seguir quando, finalmente, passarem à fase de edificação.

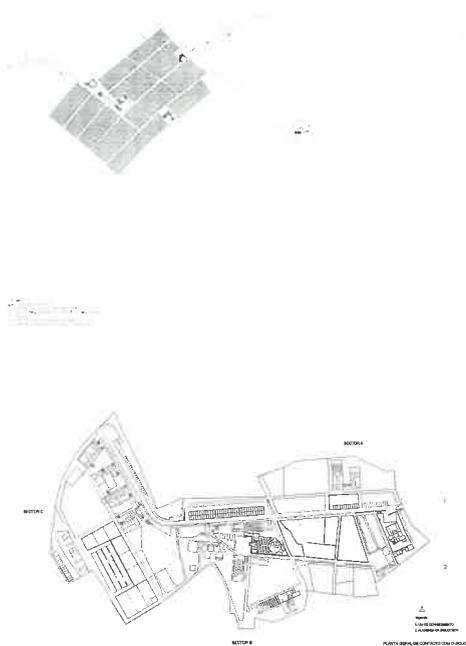
O Plano para a Nova Aldeia da Luz parte da oportunidade trágica, mas também estimulante, de projectar um novo lugar para albergar a população da Luz, aldeia ribeirinha que ficará completamente submersa pela albufeira da nova Barragem do Alqueva, no Guadiana. Esta decisão, eminentemente política, criou a possibilidade aos arquitectos, de pensar, formalmente, a fundação ex-novo de uma espécie de núcleo de colonização interna, um tema tão caro à história da nossa experiência urbanística.

O projecto do concurso procurava contornar o anacronismo que presidiu à decisão de construir uma aldeia no interior do país no final deste hiper-urbanizado século, introduzindo uma lógica de fundação com referências urbanas - uma espécie de centurição romana do novo aglomerado assente na força hierarquizadora de dois eixos que, para além de estabelecerem a rede de espaços públicos, desenhavam os equipamentos-porta da aldeia. Embora desconhecendo o desenvolvimento interno das frentes residenciais, esta proposta adivinhava já os limites físicos do aglomerado e segurava aquilo que era essencial para o seu desenvolvimento - a estrutura do espaço colectivo e cívico.

O que sucedeu ao projecto pós-concurso envolve uma história tão rica de acontecimentos contraditórios, que vale a pena ouvir os inúmeros relatos dos seus autores. Na "descida à terra" a equipe parece ter-se envolvido numa missão voluntarista, no sentido de abarcar e resolver os problemas de cada habitante. A encomenda exigia que, na nova aldeia, fosse retribuída a cada um a mesma área habitacional e agrícola preexistente, num processo de simples e linear translação de propriedade. Gradualmente, a abstracção que presidiu à proposta de concurso transformou-se num desejo de abarcar a realidade, procurando resgatar a função social do arquitecto na resposta aos anseios da população. O trabalho de análise, levantamento e adaptação de 22 tipologias de habitação, seguindo atempadamente a disposição do cadastro preexistente, ditou gradualmente a morfologia da nova aldeia proposta. A demarcação dos limites e das portas urbanas passou a constituir uma resultante (e não a gênese, como antes) desse processo cumulativo de habitações, deixando-se gradualmente cair os referenciais de urbanidade mais evidentes. Neste processo, as soluções caso-caso sobrepuseram-se à lógica do conjunto, privilegiando-se o particular sobre o geral, o individual sobre o colectivo, o bom senso sobre o desejo mais radical de transformação. Pode-se dizer que a uma encomenda eminentemente política os arquitectos responderam com um projecto politicamente correcto.

O Plano para o Campus Universitário de Hangra do Heroísmo surge na esteira de diversos concursos do mesmo âmbito, promovidos na última década para a fixação de núcleos universitários em cidades médias portuguesas. O local escolhido, em Hangra do Heroísmo, situa-se na coroa do centro histórico e possui qualidades paisagísticas ímpares, que tornam este projecto numa espécie de remate do núcleo histórico, embora em diálogo com situações de franja - a vista franca sobre o Monte Brasil, a proximidade de núcleos piscatórios, e o contacto directo com a nova circular urbana. De certa forma, era quase pedido ao projecto que funcionasse como organizador do lugar e da sua relação com a cidade, uma situação que se revelava paradoxal já que, um Campus constitui, por natureza, um espaço introvertido e auto-suficiente. A proposta de concurso procurava trabalhar este paradoxo como matéria projectual. Por um lado, garantia a independência de acessos do Campus, e por outro, procurava fragmentar o núcleo universitário em pequenos edifícios, de escala doméstica, orientando-os de acordo com o sistema de vistas sobre a paisagem natural e urbanizada. A qualidade da proposta de concurso residia, precisamente, na subordinação do programa a esse diálogo voluntarista com o território de Hangra do Heroísmo.

No desenvolvimento seguinte, e após contactos mais precisos com a reitoria da Universidade, o projecto foi sendo progressivamente sujeito a um processo de abstracção e contenção volumétrica que alterou a



lógica fragmentária anterior. O Campus passou a estar dividido em três núcleos essenciais, ou seja, em três cidadelas temáticas - o conjunto administrativo, marcando superiormente a entrada, o conjunto das áreas sociais, definindo a plataforma baixa e o departamento de Ciências Agrárias como grande remate de fundo. A uni-las, manteve-se uma rua longa e encurvada cujo perfil transversal revela, através dos muros, escadas e rampas que a acompanham, a domesticação do próprio terreno. Cada uma das cidadelas contém um espaço central que marca os acessos principais a partir da rua, e que é cortado por percursos pedonais cujos limites são deixados propositadamente em "aberto", para lá da área de influência de cada edifício. Essas linhas de composição criam relações com pontos da envolvente sem propriamente os tocar ou ligar, reforçando a intenção inicial de trabalhar no universo contraditório de um Campus autónomo que não esquece a presença da cidade que lhe dá sentido.

Não é difícil adivinhar como estes projectos percorreram direcções contrárias na sua fase pós-concurso. Se a nova Aldeia da Luz se deixou "transvestir" pela velha Luz, num desejo de dar forma ao que podemos chamar de preservação da memória colectiva, já o Campus de Hangra do Heroísmo parece, agora, definir-se por uma lógica essencial, uma existência mínima, que procura conter, no seu interior, toda a complexidade que lhe é imposta. Um, deixou-se contaminar pelo apelo (neo)realista do programa, procurando uma ponte com as raízes tipo-morfológicas locais; o outro, pelo contrário, procurou domesticar o programa pela progressiva abstractização das formas e das linguagens. O quotidiano futuro da nova Aldeia da Luz tornou-se, assim, previsível; o do Campus Universitário de Hangra, enigmático. No final, ambos poderão vir a cumprir-se como projectos de fundação se souberem deixar margens de incerteza por onde fluam os homens e o tempo. Desta forma, ter-se-á continuado a escrever uma grande história em poucas palavras.

[perguntas para os autores dos 2 projectos: Aldeia da Luz + Açores]

- a) *Existem diferenças evidentes entre o projecto apresentado a concurso e os seus desenvolvimentos posteriores, resultantes de transformações introduzidas pela adaptação a novas condicionantes, programas e solicitações impostas pela entidade encomendadora. Até que ponto essas alterações afectaram o esforço de síntese que a proposta de concurso revelava?*
- b) *A oportunidade rara de realizar, simultaneamente, o plano urbanístico para a área de intervenção e alguns dos projectos de arquitectura para sectores fundamentais da proposta permite testar formalmente algumas das opções gerais, de âmbito mais programático ou político. Como se tem processado essa transferência de escalas, ao nível, por exemplo, das tipologias e linguagens adoptadas?*
- c) *As propostas admitem outras concepções e autores no desenvolvimento de projectos parciais? Quais as premissas que garantem uma relação conceptual entre a proposta geral e essas possíveis partes?*

## [Aldeia da Luz]

a) A proposta apresentada no concurso em 1996, já deixava adivinhar a complexidade do que viriam a ser os Projectos para a Nova Aldeia da Luz. Tratando-se de um realojamento, mais do que um bom entendimento com a entidade promotora do projecto (EDIA, S.A.) era exigido um conhecimento exaustivo das expectativas dos directos interessados; os futuros proprietários. A escassa informação disponível no concurso, motivou uma proposta que contemplava a elaboração de um inquérito urbanístico, assim como diversas fases de concertação com a população, "caso a caso", e discussão pública das grandes opções de projecto (remetendo ainda para a elaboração de maquetas e exposição de diversas informações). A proposta dirigiu, assim, um primeiro diálogo em que tudo estava por definir, como foi o caso das quatro hipóteses de localização que submetemos ao júri do concurso. Os desenhos (quase que abstractos, porque não tem lugar) foram apresentados como provocações que conscientemente procuravam respostas. O conhecimento e aceitação de critérios gerais de realojamento, como a manutenção dos mesmos vizinhos ou da mesma posição relativa, confrontados com uma ausência de elementos gráficos (por exemplo; uma planta cadastral) teve como consequência uma representação vaga do espaço doméstico (inserido em quarteirão de malha ortogonal). Mais legítimo, pareceu, avançar com soluções para uma imagem do que poderia vir a ser o espaço colectivo (perfil de ruas, pavimentos, praças, igreja, escola, mercado, etc.). Com a adjudicação do trabalho, e conseqüente realização dos inquéritos a proposta vai adquirindo informação, complexidade e diversidade. Os desenhos conquistam uma forma que estava ausente na fase do concurso, as respostas sucedem-se, passamos a trabalhar com 208 clientes. Com o desenvolvimento do projecto associa-se ao esforço de síntese um incontornável pragmatismo. A sua forma, heterogénea em variantes e evocações, resulta, afinal, de um processo de indemnização fundiária.

b) Considerando que o processo de realojamento da Aldeia da Luz terá que estar concluído até ao ano 2001, poderemos realçar uma importância dos projectos em detrimento do plano. De facto, ainda o Plano de Pormenor não foi publicado no Diário da República e já foram entregues os Projectos de Execução das Habitações e das Infra-estruturas, prevendo-se o início das obras para o final de Setembro de 98. Este faseamento, longe de ser perfeito, resulta de um cumprimento burocrático, em que, a aproximação destas duas figuras favorece uma cumplicidade, mas também um monólogo. Esta simultaneidade e sincronia entre projecto e plano transferiu uma possível e saudável dicotomia para a relação entre análise e proposta. É, com o inquérito urbanístico, do qual realçamos o carácter social e fundiário e com a posterior fase de concertação com a população, que são testadas as propostas ao nível, da linguagem, programas ou tipologias. Do resultante diálogo e com o limar de arestas, adivinham-se as formas, através de uma participação e responsabilização do proprietário na construção de todo o projecto, factor esse, que consideramos contribuir para o sucesso do realojamento. O plano serve, no entanto, de argumento a outras expectativas; em defesa e manutenção de uma imagem para o espaço público; de um prenúncio de expansão urbana ou outros rumores e actividades, como a zona industrial ou espaço para actividades tradicionais. Mais do que consequências formais imediatas o plano salienta-se por traduzir e representar vontades políticas.

c) Já na fase do estudo prévio do Plano de Pormenor (Fevereiro de 1997) defendíamos a importância de promover uma certa diversidade nos projectos relativos aos edifícios de carácter colectivo, como a igreja, a junta de freguesia, a escola, o pavilhão desportivo ou o museu. Nesse sentido propusemos à EDIA, S.A. a elaboração de um concurso que poderia abranger quer os outros concorrentes premiados no concurso de ideias para a Nova Aldeia, quer, outros projectistas "de mérito profissional indiscutível" e que "poderiam introduzir uma nota de excepcionalidade na paisagem da Nova Aldeia". Pretendíamos assim zelar, não só pela qualificação de um espaço, mas também pela sua promoção, visibilidade e credibilização. Embora o Plano de Pormenor estabeleça áreas e programas de intervenção, não há, de facto, uma garantia de relação conceptual entre a proposta geral (Projecto das Habitações e das Infra-estruturas) e estes equipamentos. Acreditamos, no entanto, que este será um risco menor do que a pretensão ou ilusão de um projecto de arquitectura total.

Pedro Bandeira



## [Açores]

a) O projecto do concurso foi realizado tendo em conta as "condicionantes, programas e solicitações impostas pela entidade encomendadora", expressas sob a forma de um texto (mudo), que tentámos interpretar e dar forma, no salto no escuro que é um concurso de arquitectura. O projecto aqui publicado corresponde a uma reelaboração do plano inicial, e é mais livre, menos condicionado, e mais sintético, porque o tempo em arquitectura esclarece, temos agora um cliente falante, e já não estamos em competição.

b) No caso do presente projecto não distinguimos "tipologias e linguagens adoptadas" no plano urbanístico do plano arquitectónico. O que procuramos é o que liga ou o que está entre o desenho da cidade e o desenho do edifício, tentando evitar cair tanto nas malhas de um planeamento incarácterístico, quase anti-arquitectónico, como na suave ditadura do design. O nosso programa é um desenho impregnado de significado, resquícios ou novas invenções da cultura arquitectónica. Nesse sentido, as nossas "opções" são sempre gerais, isto é, políticas; a "transferência de escalas" é a realização de tais opções.

c) Essa questão não se coloca, nos termos em que a entidade encomendadora (a Universidade dos Açores) concebeu a realização deste plano. De qualquer forma, seguindo a resposta à questão anterior, as premissas da proposta geral não se diferenciam das partes, e, por isso, eventuais "projectos parciais" nunca seriam entendidos como exercícios de arbitrária democraticidade.

Dear Corbusier  
things are different now,  
we are very sorry,  
but we can't use your cards anymore,  
we hope you...



Dear Corbusier, things are different now, we are very sorry, but we can't use your cards anymore, we hope you...



**NOVA ALDEIA DA LUZ**  
JOÃO FIGUEIRA & ASSOCIADOS

1974, Sergio Fernandez > Operação SAAL, Leal, Rua das Musas

Este projecto tem como objectivo o realojamento da aldeia da Luz (Mourão), consequência da construção da barragem de Alqueva.

A proposta apresentada no Concurso Público Internacional n.º 3/95, em 1996, apontava quatro localizações possíveis para a operação.

A localização escolhida, na Herdade da Juliã e dos Pássaros, conciliou o desejo da maioria dos habitantes. Do permanente diálogo com a população surgiram alguns dos critérios do realojamento como o de manter, na nova aldeia, os mesmos vizinhos ou o critério de manter a mesma posição relativa. Assim, quem tem uma propriedade na praça da aldeia existente, será realojado numa praça da aldeia a construir. Estas reivindicações, mais do que condicionantes, representaram um estímulo num processo em que os interesses relacionados com a indemnização fundiária quase se sobrepõem ao desenho e imagem do espaço público.

“Cada caso é um caso” e “queremos uma aldeia alentejana” tornaram-se palavras de ordem e por vezes de conflito, entre interesses públicos e privados.



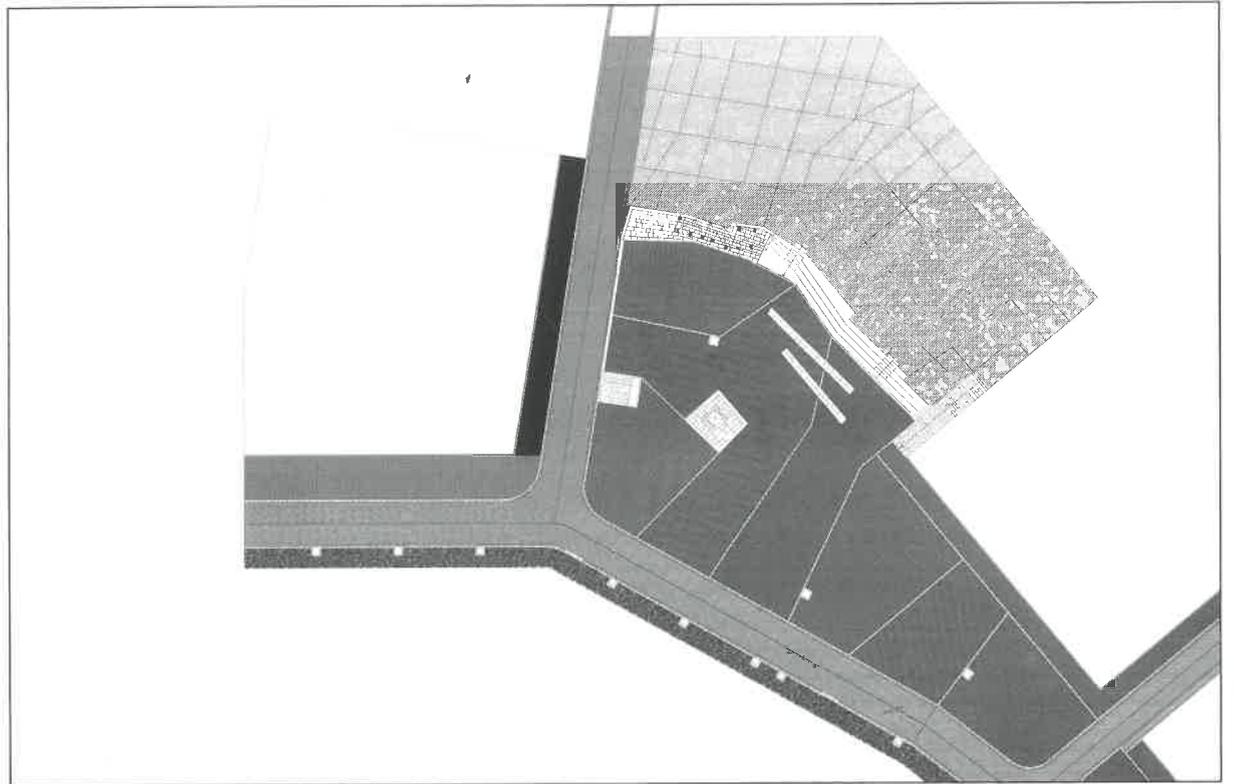
A complexidade da forma social dá lugar à diversidade da forma espacial. Surgem; 22 projectos de fogos (208 atribuições); 3 projectos de fogos construídos com tecnologia tradicional; 11 projectos de comércio; 4 projectos de cozinhas exteriores (81 atribuições); 7 projectos de garagens (75 atribuições) e ainda uma panóplia de alpendres e arrecadações. A acentuar a heterogeneidade da proposta destacam-se, também, alternativas para pavimentos, vãos, coberturas ou beirados que poderemos enquadrar nas variações sobre um mesmo tema: casa caiada com telhado vermelho. No projecto das Infra-estruturas destaca-se a torre do depósito de água, 19 metros de betão à vista; o projecto "in-possível" da Carta de Atenas.



[planta de pavimentos] escala 1:5000



58

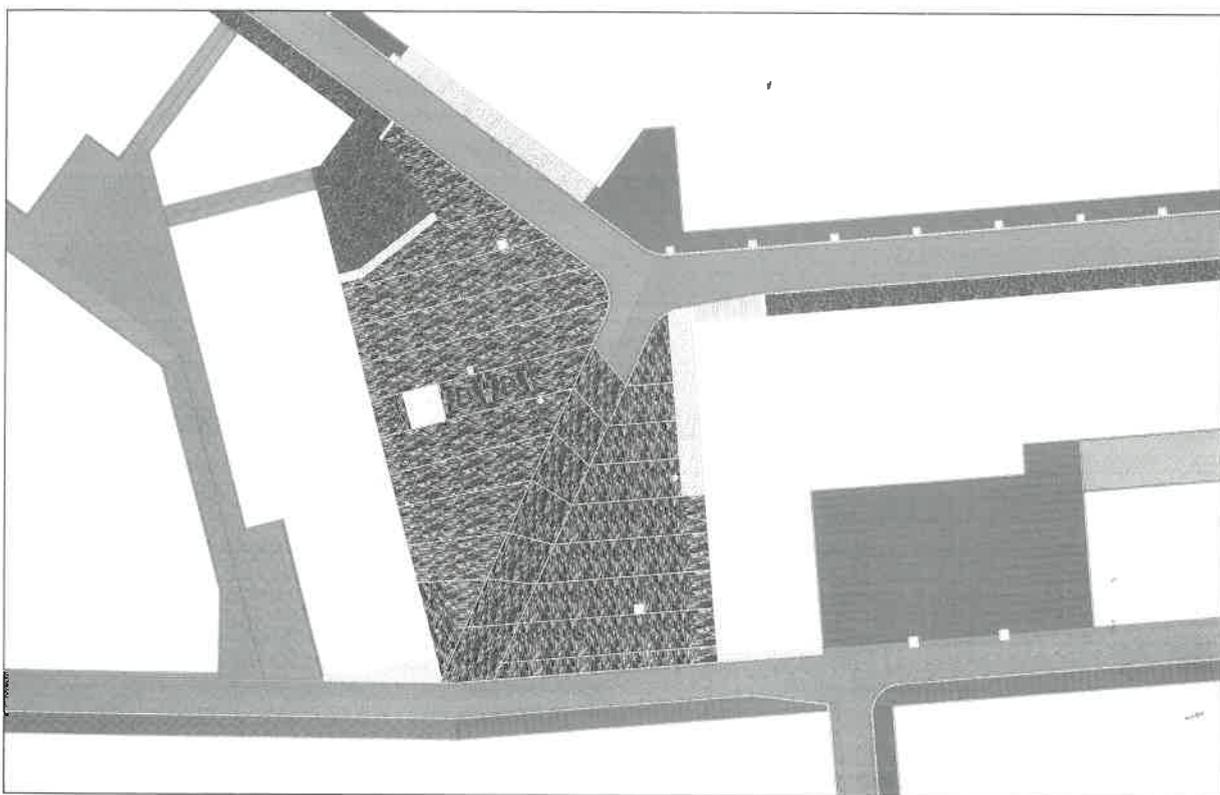


PLANTA DE PAVIMENTOS [PORMENORES]

escala 1:1000



PERFIL [D]

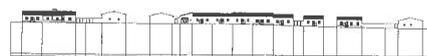


PLANTA DE PAVIMENTOS [PORMENORES]

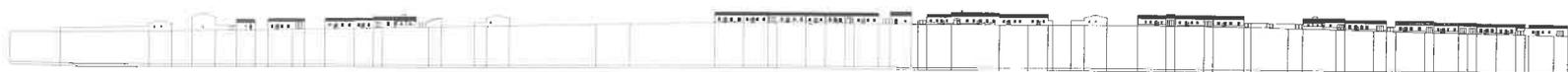
escala 1:1000



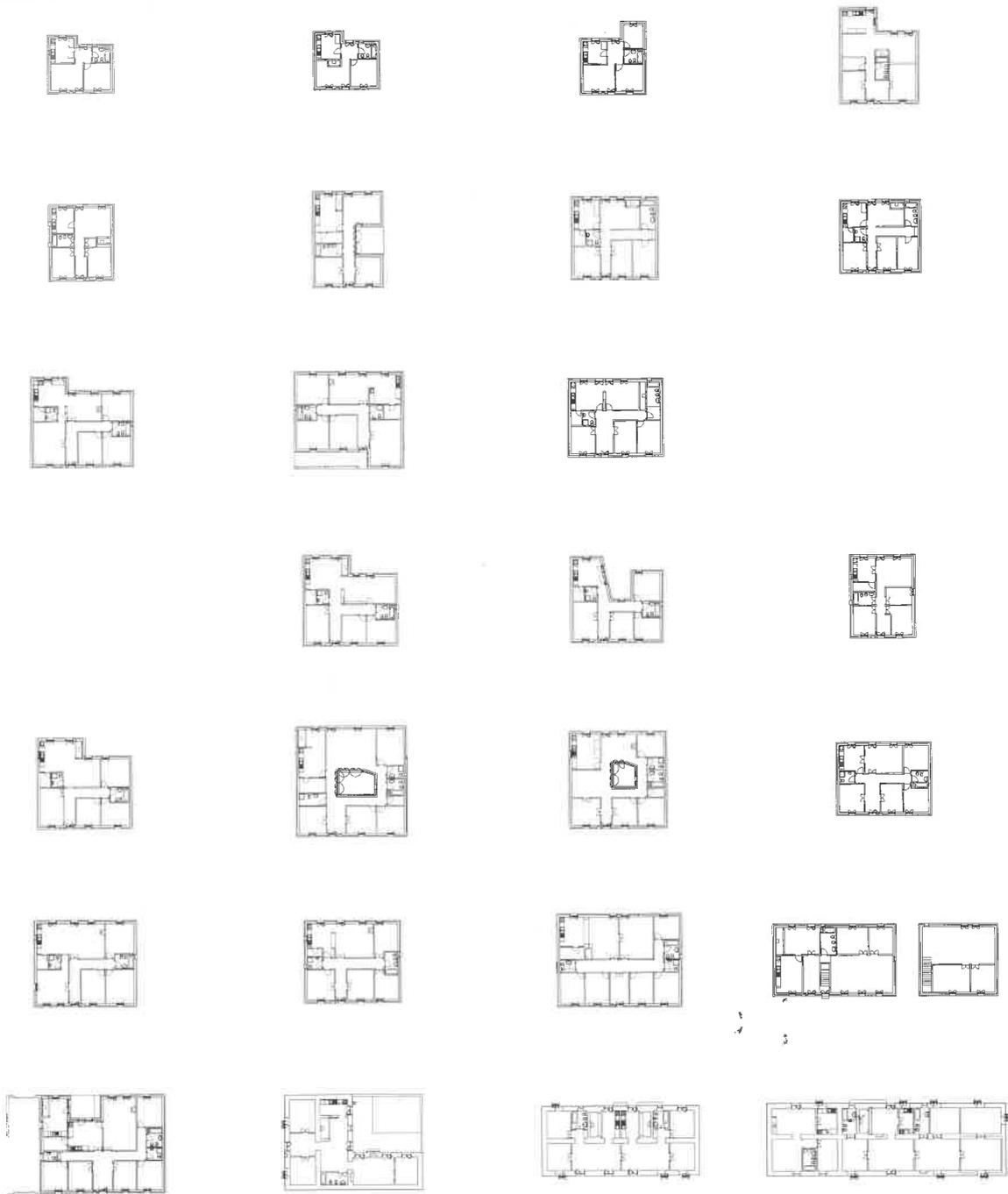
PERFIL [B]



PERFIL [C]



PERFIL [A]



HABITAÇÕES



[ficha técnica]

**PROJECTO**  
 Projecto das Habitações  
 e Infra-estruturas da  
 Nova Aldeia da Luz  
 Plano de Pormenor da  
 Nova Aldeia da Luz  
**CLIENTE**  
 EDIA, S.A.  
**COORDENADOR**  
 João Francisco Figueira

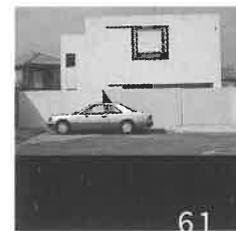
**PROJECTO DE ARQUITECTURA**  
 Ana Luísa Rodrigues  
 João Francisco Figueira  
 Luís Miguel Fareleira  
 Miguel Rodrigues  
 Pedro Bandeira  
 (e ainda)  
 Joaquim Moreno  
 Nuno Merino Rocha

**ESPECIALIDADES**  
 Álvaro Domingues  
 António Barbosa  
 Custódio  
 Fernando Silva  
 Filipe Bandeira  
 Manuel Alves Matias  
 Maria Carolina Leite  
 Maria José Curado  
 Paulo Meireles  
 Rui Pedro Gonçalves  
 Sofia Plácido de Abreu  
 Vitor Abrantes

**COLABORADORES**  
 Gonçalo Furtado  
 Joaquim Moreno  
 Maria Moita  
 Nuno Duborjal  
 Nuno Merino Rocha  
 Vasco Albuquerque

**CONSULTORES**  
 Fernando Branco  
 Henrique Gouveia  
 Luís Miguel Figueira  
 Manuel Fernandes Sá  
 Manuel Ribau  
 Rui Mealha  
 Rui Tavares  
 Teresa Viana

**DATA DO PROJECTO**  
 Setembro '96 a Agosto '98  
**PREVISÃO DO INÍCIO DE OBRA**  
 Setembro '98  
**PREVISÃO DA CONCLUSÃO DA OBRA**  
 início 2001  
**ÁREA DE PROJECTO**  
 33 hectares



[torre do depósito de água]

